

## PÂNICO MORAL: ALGUMAS NOTAS RIZOMÁTICAS SOBRE A LINGUAGEM NEUTRA

Jadla Morais Menezes

*Mestranda em Educação e Diversidade (MPED/UNEb).*

[jadlinha@gmail.com](mailto:jadlinha@gmail.com)

Ana Lúcia Gomes da Silva

[analucias12@gmail.com](mailto:analucias12@gmail.com)

*Professora do Curso de Letras Língua Portuguesa e do Programa de Pós-Graduação  
em Educação e Diversidade da Universidade do Estado da Bahia –Uneb/DCH-  
Jacobina.*

*Simpósio Temático nº–21: Gênero, Raça, Etnia, Sexualidade na Formação Docente*

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo desenvolver reflexão acerca da linguagem neutra, linguagem esta, que ampara outra forma de comunicação que seja inclusiva, através de uma não demarcação ao gênero binário. O trabalho de cunho bibliográfico adota como inspiração o procedimento de notas rizomáticas da cartografia. As notas abertas, são notas-atos que se comportam como resistência, re-existência, subversão e, sobretudo, por agenciamentos políticos e sociais, refletindo criticamente a forma como essa linguagem e seus sistemas neutralizadores atuam e se performatizam no mundo e com o mundo. O *corpus* de análise é constituído por discursos veiculados na cibercultura acerca da linguagem neutra, em especial, o *Twitter*. Como procedimento de análise adotou-se a própria cartografia. Os resultados parciais apontam em diálogo com os conceitos-chave, as notas-atos como potência crítica para proliferarem os debates, tomando-os como práticas e lutas, evidenciando os preconceitos produzidos pelas narrativas publicizados na rede e sua relação com a moral.

**Palavras-chave:** Linguagem neutra. Notas rizomáticas. Gênero não-binário. Cartografia. Cibercultura.

### ABSTRACT

This work aims to develop a reflection on neutral language, a language that supports another form of communication that is inclusive, through a non-demarcation to the binary gender. The work of bibliographic nature adopts as inspiration the procedure of rhizomatic notes of cartography. Open notes are notes-acts that behave as resistance, re-existence, subversion and, above all, by political and social agencies, critically reflecting the way in which this language and its neutralizing systems act and perform in the world and with the world. The corpus of analysis consists of discourses conveyed in cyberculture about neutral language, especially Twitter. As an analysis procedure, the cartography itself was adopted. The partial results point in dialogue with the key concepts, the notes-acts as a critical power to proliferate debates, taking them as practices and struggles, showing the prejudices produced by the narratives published on the network and their relationship with morals.

**Key-words:** Neutral language, Rhizomatic notes, Non-binary genre, Cartography, Cyberculture.

## #NOTA-ATO: RESSONÂNCIAS INICIAIS SOBRE CORPOS, NARRATIVAS E LINGUAGENS

Caminhamos como andarilhas por esse trabalho. Catando algumas miudezas nos caminhos e trazendo algumas reflexões sobre um possível gênero neutro na língua portuguesa, especificamente, a linguagem neutra. Nesse processo de “catar”, fomos mapeando algumas narrativas publicizadas no *corpus* de análise *Twitter*, em um movimento cartográfico na cibercultura, movidas pelas seguintes perguntas: o que esses corpos-narrativas contornam em seus ditos/interditos diante de uma reivindicação à linguagem neutra? Quem tem medo da linguagem neutra: a quem interessa que ela não seja adotada na educação básica? Saímos da ideia de que os corpos e seus atos de fala são potências críticas para proliferação de debates, tomando-os como práticas e lutas, mas, que evidenciam também os preconceitos produzidos pelas narrativas publicizadas na rede e a sua relação com a moral.

A Língua Portuguesa, sempre ergueu definições, representações binárias e dicotômicas para mencionar algo/alguém, através dos artigos, preposições e pronomes classificatórios, além de delimitar o gênero gramatical masculino como representante geral e como um signo de uma cultura de subjugação ao domínio masculino. Essa divisão e hierarquia passa a ser contestada por alguns sujeitos que não se sentem incluídos/as/os e buscam assim, o direito a representação linguística da identidade como meio de visibilidade social e linguística.

Com isso, procuramos compreender as relações da linguagem neutra e como ela surge nos debates e discursos de narrativas postas por diferentes subjetividades. Nesse processo de mapear, vamos produzindo rizomaticamente algumas notas-atos que carregam formas outras de dizibilidades, compreendendo a linguagem em seu papel social como forma de desnaturalizar alguns preceitos morais, heteronormativos e hegemônicos que criam, ainda, raízes na nossa cultura e no nosso meio.

É um trabalho que adota como inspiração o procedimento de notas rizomáticas da cartografia, haja vista que o objetivo central é mapear os territórios entendendo as linhas de força que os constituem, primando pelas possibilidades e percorrendo as conexões e/ou (des)conexões que as narrativas de embate postas no *Twitter* trazem,

acompanhando os percursos em rede e entendendo as implicações e os possíveis desassossegos. Pois, navegar no ciberespaço, nesse contexto, é também explorar os ambientes geográficos, experimentando novos processos de territorialização e desterritorialização. (Albuquerque, A. S., Hennigen, I., & Fonseca, T. M. G, 2018)

Para isso, trouxemos um recorte de quinze posicionamentos de usuáries no *Twitter* como forma de contextualizar como a linguagem neutra é entendida e trazida pelas pessoas através dos seus posicionamentos, cartografando as implicações que ali são atravessadas, refletindo criticamente a forma como essa linguagem e seus sistemas neutralizadores atuam e se performatizam no mundo e com o mundo.

## **#NOTA-ATO: CAMINHOS E (DES)CAMINHOS DAS NARRATIVAS NO CORPUS DE ANÁLISE *TWITTER***

### **[bloco de notas]**

*o que as telas em rede, quadradas, fotos posicionadas, corpos, linguagens tem a nos dizer ou não dizer?*

Fomos movidas a fazer um levantamento de narrativas na cibercultura. Entendendo esse espaço como um lugar móbil e heterogêneo. Que nos permite ter certa flexibilidade nos espaços virtuais, transitando por diferentes experiências e sentidos. E como nos diz Marco Silva:

Interatividade é a modalidade comunicacional que ganha centralidade na cibercultura. Exprime a disponibilização consciente de um mais comunicacional de modo expressamente complexo presente na mensagem e previsto pelo emissor, que abre ao receptor possibilidades de responder ao sistema de expressão e de dialogar. (SILVA, 2010, p. 42)

Assim, passamos por uma análise de 100 narrativas diante da palavra-chave “Linguagem Neutra”, doravante LN, no campo de busca, e não nos preocupamos com demarcação de gênero, orientação sexual e/ou identidade de gênero de cada individualidade. Queríamos ter um panorama maior sobre como a LN é concebida por essas pessoas e como circulavam esses posicionamentos em forma de *Tweets*. Dentre as 100, fizemos um recorte e analisamos com mais cuidado, o total de 15 escritas.

Entendendo o levantamento, organização, seleção e análise de dados como um processo nômade e o *corpus* de análise como um conjunto de materiais representativos de uma língua ou variante. E que, [...] os critérios de relevância referem-se à composição de materiais que, dado o conhecimento prévio do pesquisador, são considerados pertinentes aos propósitos da pesquisa. (SILVA, Thaysa; SILVA, Edcleide, 2013).

Além disso, nos cabe salientar conforme Ana Lúcia Silva, (2021) que os dados na pesquisa cartográfica não são concebidos no sentido mais tradicional do termo, mas gera efeitos e, portanto, a análise do processo é fundamental, ainda que não seja exercida sobre dados no sentido literal, mas o conhecimento gerado como ato criador, tanto na objetividade quanto na subjetividade baseada nas experiências cotidianas em que sujeito e objeto definem-se mutuamente, um em função do outro. Deste modo, os dados são processuais e produzidos coletivamente.

Na ampliação da compreensão dos dados na pesquisa cartográfica, e, considerando que cartografia é um método de pesquisa-intervenção que ao tempo em que pensamos, intervimos, (PASSOS; BENEVIDES DE BARROS, 2015) e está ligada ao acompanhamento de processos (BARROS,; KASTRUP, 2015) e à dissolução do ponto de vista do observador (PASSOS; EIRADO, 2015), torna-se imprescindível esclarecer em que sentido se compreende um dado cartográfico, a partir das autoras Leticia Renault e Maria Elizabeth de Barros (2016), pois se produzimos territórios e paisagens, assim como produzimos uma aula, ao promover a intervenção, o processo de pesquisa faz emergir realidades que não estavam dadas, implicando reorganizarmos fronteiras, direções, concebendo o conhecimento como ato criador, de modo a lançarmos luz nos textos que trazem os posicionamentos dos sujeitos acerca da linguagem neutra, [...] “cujo procedimento analítico permite o aparecimento das condições de emergência do objeto, possibilitando a pesquisa a comportar a heterogeneidade e heterogênesse, como característica dos movimentos de subjetivação”. (BARROS; BARROS, 2016, p.178).

Para tanto, a compreensão do sujeito neste processo é concebida como efeito de linguagens, posições sujeitos, ou formas-sujeitos que movidos pelos problemas, pois são eles que movem a análise cartográfica, e neste estudo, os problemas são os modos como



a linguagem neutra interroga a linguagem, e que neste texto, elegemos analisar como [...] “procedimento de multiplicação de sentidos que inaugura novos problemas”, fazendo emergir no material analisado a decomposição do mesmo, sendo o/a/e pesquisador/a/e o/a/e analista. Logo, pesquisador-analista, indica no *corpus* de análise, os/as/es analisadores da linguagem neutra, mas não basta que os identifique, reconheçam ou legitimem, os/as/es analisadores elencados que emergiram, pois somente os/as/es analisadores, o constituirão analista.

A análise pode, pois constituir-se em [...] “palavra de desordem, de conexão, de invenção, na contracorrente dos sedentarismos analíticos ‘solucionadores’, pois são implicantes e implicadas pragmáticas ou processualidades, elas insistem em problematizar”( RODRIGUES,2015,p.37). Assim nosso movimento como cartógrafas aprendizes, requer uma posicionalidade analítica que implica atitude, *ethos*, pois esta se faz por problematização. A cartografia não busca interpretações, mas problematizar, lançar as linhas, sem procurar o sentido objetivo dos dados, mas sim, os efeitos de sentidos, considerando as forças e os acontecimentos.

Nesse recorte, optamos por trazer posicionamentos que falavam da LN em diferentes perspectivas. Desde as “mudanças” que podem ocorrer na língua portuguesa diante da linguagem até sobre os projetos de lei que impedem o uso da LN nas escolas. Transcrevemos as escritas sem interferências externas, ou seja, sem acréscimos ou alterações das autoras.

**Figura 01 - Posicionamentos de usuáries<sup>1</sup>**

<p><b>Usuárie 01:</b> <i>Linguagem neutra é uma coisa tão patética que eu não acho adjetivos para descrevê-la. Pessoas que não se identificam com o gênero feminino nem masculino... Se identifica com o que? Com uma planta?</i></p>	<p><b>Usuárie 02:</b> <i>é tão capacista achar que pessoas pobres e pessoas com deficiência não podem aprender a usar linguagem neutra</i></p>	<p><b>Usuárie 03:</b> <i>Blz, mas o q o cu tem a ver com as calças? Um é um projeto educacional e outro um social, um não exclui o outro. Acho válido o projeto de vetar a linguagem neutra em escolas, na escola a gente deve aprender o uso correto da LÍNGUA PORTUGUESA não de uma</i></p>
---	--	---

<sup>1</sup> Utilizaremos a neutralização do “e” na palavra usuárie. Por trazer posicionamentos de sujeitos, em que, não é possível saber/identificar as identidades de gênero e/ou orientações sexuais.

		<i>língua imaginária.</i>
<b>Usuário 04:</b> <i>Eu tenho dislexia e não me incomodo com a linguagem neutra proposta e se quiser eu tenho uma thread de pessoas que usam libra falando sobre como a linguagem neutra não afeta a libra</i>	<b>Usuário 05:</b> <i>projeto de lei contra uso da linguagem neutra??? vão fazer oq mandar pra cadeia quem usa elu/delu?? JJKKKKK que país patético, o desespero pelo conservadorismo é tanto que eles perdem a noção do ridículo. Última vez que proibiram o uso de alguma palavra foi na ditadura</i>	<b>Usuário 06</b> <i>Os professores e professoras usando linguagem neutra que loucura</i>
<b>Usuário 07:</b> <i>Minha opinião sobre linguagem neutra é que tem gente colocando importância demais em "impedir" que ela seja usada</i>	<b>Usuário 08:</b> <i>ativismo que se importa mais em impor linguagem não-binária (porque linguagem neutra é outra coisa) do que em acabar com a fome que está atingindo 16 milhões de pessoas)</i>	<b>Usuário: 09</b> <i>A linguagem neutra é uma antilinguagem, um fenômeno político/ideológico artificial, cuja função gira em torno da tentativa de destruir o elo entre realidade e signo. Não há comunicação entre os falantes, apenas a intenção de aniquilar a dimensão real da língua.</i>
<b>Usuário 10:</b> <i>Projeto de lei contra a linguagem neutra VAI ME PRENDER? PARAR DE ENSINAR OQ EH PRONOME NA ESCOLA? TIRAR SOCIOLOGIA DA GRADE ESCOLAR?</i>	<b>Usuário 11:</b> <i>O proibir uso de neutra linguagem não faz ela inexistir, pelo contrário, ela se intensifica. quanto mais tempo o Estado passar tentando moldar as mudanças de uma sociedade (as quais são NORMAIS), mais distância ele vai ter o próprio povo. fantasma comunista volta, por favor</i>	<b>Usuário 12:</b> <i>que ter a linguagem neutra aplicada na escola + adaptação de suas regras. fico pensando q se esse processo acontecer em nossa geração, como próximas já crescerão habituadas a falar e escrever dessa forma e n vai ser considerado estranho entre elas</i>
<b>Usuário 13:</b> <i>Eu espero que a JUSTIÇA BRASILEIRA não deturpe a língua portuguesa aprovando essa linguagem "neutra" que irá excluir os cegos e os surdos; além disso, ninguém pode nos obrigar a mudar a forma de</i>	<b>Usuário 14:</b> <i>mds gente, essa de gente reclamando de linguagem neutra cansa, se tu não quer tratar a pessoa como ela se sente melhor, desapareça da vida dela... pqp, deixe q os outros usam em paz e se entrar nos livros</i>	<b>Usuário 15:</b> <i>até esquecer de comentar outra coisa, lembra de quando falavam que a linguagem neutra nunca sairia do twitter e hoje tem até político lutando para impedir o avanço dela? pois é, mas é aquilo "pode</i>

<i>falar por causa de alguns que querem impor as suas crenças e sei lá o quê mais .</i>	<i>e nas escolas vai rolar naturalmente e se pa ngm vai ta vivo de agr.</i>	<i>matar uma, duas, três rosas mas nunca conseguir deter a chegada da primavera"</i>
---	---	--

Fonte: Twitter.

Os ditos-escritos aqui expostos nos convidam a entender, principalmente, que:

Nas conexões estabelecidas via internet, ao poder de divulgação, encontro e multiplicação aliam-se as possibilidades de pulverização, excesso e superficialidade. A liberdade coexiste com o controle. Nesse espaço, compor coletivos é tão fácil quanto desconectá-los. Com um simples apertar de botão, desresponsabiliza-se do compromisso mútuo. (WEBER; GRISCI; PAULON, 2012)

Quando o/a/e usárie 13 nos diz que a LN irá deturpar a língua portuguesa, precisamos entender em qual sentido. E isso nos traz algumas problemáticas. Vamos aos processos e ao terreno.

Começamos a dizer que as apreensões de mudanças na fala e escrita na língua portuguesa é algo que acontece o tempo todo e em detrimento das transformações que ocorrem nas sociedades, transformações históricas, culturais e políticas. Se formos parar para notar, linguisticamente, temos um percurso histórico em que muitas nomenclaturas que eram usuais no século XIX já estão em desuso no nosso século vigente. Atualmente com a chegada da LN temos visto a nossa língua sendo envolvida em discussões diante de um terceiro gênero possível para classificar as palavras e que sai dos limites do masculino e feminino.

Para se catalogar essa mudança é preciso ouvir diferentes comunidades para entender como, onde e porque essas mudanças aparecem. A LN entra como um novo espaço para o pensamento num contexto de profunda crise ética, política, econômica e de desmonte da educação. Remetemos a Gadamer (1997) para entender o sentido da linguagem e o próprio pensamento como uma unidade.

Neste caso, essa unificação é o que gera o resultado de algo maior, já que esta teoria diz que a compreensão dessa tese é universal: a comunicação e a linguagem coexistem e uma dependem, de maneira intrínseca, da outra para haver sentido. Gadamer mostra que a linguagem é algo que não pode ser pensada como literal, pois a

depende de como um determinado tradutor observa uma escritura, o sentido da palavra ou de um símbolo pode sofrer mudança. Isto é, a linguagem deve ser entendida como essa forma de comunicação flexível no sentido de que o/a/e autor/a/e-tradutor pode fazer modificações no uso e na interpretação de um determinado texto. Apesar da linguagem e pensamento serem universais e inerentes ao homem, o contato dos/das/des sujeitos/es com uma escritura pode ampliar, modificar e, por vezes, alterar o sentido dela.

Entendendo essa lógica da linguagem e sua respectiva comunicação, vamos agora a intencionalidade de reivindicação de alguns sujeitos em relação a LN. As reivindicações saem de dois grandes prismas: o olhar para a estrutura linguística que enquadra a língua portuguesa, doravante, LP em apenas dois gêneros como forma de fazer referência a alguém: masculino e feminino, não incluindo outras individualidades que não se veem dentro dessa dicotomia. E, ao masculino genérico da língua, no qual, há uma predominância do masculino diante de uma referência a um conjunto de pessoas em seus diferentes pluralismos, o exemplo mais claro e debatido está na palavra: “todos”. As narrativas sobre a língua, acabam trazendo à tona um debate que vem sendo construído, socioculturalmente e politicamente, sobre o papel dominante do homem em relação à mulher e que é uma das grandes pautas de luta e resistência.

Chegamos a usuárie 03, no qual, traz uma percepção voltada para as concepções da gramática tradicional. Quando diz: “Acho válido o projeto de vetar a linguagem neutra em escolas, na escola a gente deve aprender o uso correto da LÍNGUA PORTUGUESA não de uma língua imaginária” E isso passa a ser questionável, ao sair da premissa de que as regras gramaticais também se modificam, para atender as necessidades de transformações que ocorrem nas estruturas morfológicas das palavras.

A língua transcende a um instrumento de poder, porque a língua numa perspectiva discursiva carrega em si os modos de operar com as escolhas e discursos. A gramática não é a língua, a língua é viva e produzida por seus interactantes e o usuárie 03 a reduz e concebe com gramática e, apenas um tipo de gramática, a normativa. Nossa defesa é a noção de língua como atividade social, histórica e cognitiva, privilegia a natureza funcional e interativa, língua tida como uma forma de ação social e histórica e que, ao dizer, também constitui a realidade sem contudo, cair num subjetivismo ou



idealismo ingênuo, pois sabemos que as nossas escolhas lexicais são posicionalidades e guardam em si nossos modos de conceber, qualificar, analisar os temas e leituras do mundo.

Não é à toa que Michel Foucault , ao tratar do discurso afirma:

[...] em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as **regiões da sexualidade** e as da **política**: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um dos lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes. (FOUCAULT, 1999, p.9-10)

Foucault nos encaminha a analisar a narrativa da/de/do usuárie 01. Há um forte teor cerrado e resistente ao uso da LN. E esse teor está na grande questão da polarização do masculino e feminino visto culturalmente em nossa sociedade. Vamos nos mover sobre a discussão de gênero e sexualidade nas escolas, no ensino básico. Para compreendermos o que essas falas nos trazem como pistas.

O formato da escola no Brasil tende a ser modificado cada vez mais ao passar dos tempos, visto que, dentro dessa ótica, as abordagens atreladas ao ensino-aprendizagem devem compor esferas que antes eram segregadas, o que isso já vem sendo discutido por muitos de nós e em ampla escala pelos gestories/as, professorias/as. Principalmente, as questões de gênero, sexualidades, classe social e raça são concebidas por nós como pauta de vida, porque diz respeito ao currículo, aos sujeitos/eis. Mas, não deixamos de notar que também ainda há uma falta. Muitas escolas ainda são vistas e estruturadas de forma homogênea e excludente.

Os nossos embasamentos teóricos e metodologias de ensino estão obviamente em transição e, de algum modo, mais fortemente nas escolas públicas, visto que a diversidade cultural, religiosa e étnica, por exemplo, habitam nesses espaços diante das suas próprias singularidades. Levando isso em consideração, devemos nos atentar para os modos operantes do ensino tradicional, porque, em grande parte, alguns tentam replicar formas ainda baseadas em organizações metodológicas, ainda, do século XX para dar conta de algo que está além. Ou seja, como sustentar uma aula que possibilite o entrosamento de vários estudantes em contextos múltiplos de aprendizagem contentando-se em seguir um padrão uniforme de ensino? Neste caso, não há como contemplar a grande maioria no envolvimento. Precisamos estar atentes/as/os aos

movimentos que nascem, as contradições que se manifestam. A LN nos mostra a importância de compreender essas manifestações que ocorrem.

A escola e, conseqüentemente, a educação, como espaço em que as contradições sociais se manifestam, converte-se em um dos cenários do multiculturalismo. A presença das múltiplas culturas não é uma invenção escolar, mas a convivência entre as múltiplas culturas existentes no ambiente escolar é fator importante no contexto que estamos tratando. Essa convivência é resultado das interações humanas, seja por processos de colonização, migração, êxodo, guerras etc. (FREITAS, 2011, p. 90).

Isto é, não se trata apenas de um espaço no qual o conhecimento é para ser replicado, até porque isso nos levaria de volta aos parâmetros superados da repetição de conteúdos, sem base crítica para fundamentá-los. A citação coloca em pauta a dinâmica de conhecimentos a serem postos em prática e de forma consistente, no qual, o sujeito tenha apropriação e protagonismo sobre aquilo que aprendeu. Na verdade, além disso, porque o sujeito inclusive precisa ser autônomo ao ponto de renovar suas bases de aprendizado, ampliando os olhares sobre aquilo que está disposto a estudar-ensinar. No cerne social, colocar tais conhecimentos em favor do bem-estar da comunidade, levando em consideração o respeito pela diversidade que há.

No recorte em que trouxemos dos/as/es usuáries em suas narrativas, há um pânico moral. Talvez, um pânico que surja dessa falta de entender as relações das diversidades e diferenças que fazem parte de qualquer meio social. A LN é uma necessidade de inclusão de pessoas, em que, suas escolhas são para além de um enquadramento binário elevado pela língua portuguesa. Nós, professorias/as somos uma comunidade educativa, que precisamos nos atentar a essas construções e (des)construções, a fim de que possamos nos co-responsabilizar colaborativamente e responsivamente por uma educação que integra, inclui, e enxerga humanamente cada sujeito em suas diferenças e singularidades. E como nos diz Guacira Louro:

Concebida inicialmente para acolher alguns - mas não todos- ela [a escola] foi, lentamente, sendo requisitada por aqueles/as aos/às quais havia sido negada. Os novos grupos foram trazendo transformações à instituição. Ela precisou ser diversa: organização, currículos, prédios, docentes, regulamentos, avaliações iriam, explícita ou implicitamente, "garantir" – e também "produzir" – as diferenças entre os sujeitos.(LOURO, 1997, p.57)

E nessa perspectiva de produzir das escolas, vemos a importância da educação,

do conhecimento, como forma de diminuir e desnaturalizar os silêncios que ecoam e os preconceitos erguidos, ainda que de forma mascarada/velada. Quando o/a/e usuárie 06 diz: “Os professores e professoras usando linguagem neutra que loucura”, nos afirma a urgência tratar de gênero e sexualidade nas escolas.

As nossas escolas devem ser um espaço que oportunize também compreender a história da sexualidade, o que é o gênero como uma construção social e não biológica, os mecanismos de exclusão e de produção da norma sexual construídos ao longo do tempo e, assim, reconstruir o saber e as formas de ser, preservando e respeitando a individualidade e a diversidade entre os sujeitos.

Nessa falta de espaço, de identificações e reconhecimentos das singularidades. Surgem as invisibilidades de muitos estudantes, principalmente, não binários. Precisamos de escolas, em que, crianças possam ter acesso a outras narrativas sobre o ser e estar no mundo. E que uma linguagem que não demarque gênero e que inclua não seja motivo de estranhamento ou recusa. Que nossas escolas sejam democráticas e que ensinem outras formas de co-habitar e conviver em sociedade diante das diversidades.

### **#NOTA-ATO: ALGUMAS PISTAS RIZOMÁTICAS (IN)CONCLUSIVAS**

Apontamos como pistas para esse trabalho cartográfico na cibercultura, que, há ainda predominantemente uma forte relação de poder sobre uma avaliação moral aos modos de ser e existir em sociedade.

Entendemos que a educação é também uma construção da experiência humana. E que precisa ser evidenciado as relações sociais, para que, os conhecimentos, as identidades e os valores se desenvolvam. A linguagem neutra, faz parte desse papel social. Erguido por necessidades de falantes, que precisam se sentir incluídes/as/os linguisticamente em seus convívios na sociedade.

Aqui, (in)concluimos, com a narrativa da/de/do usuárie 15 para que novas reflexões possam entrelaçar e criar outras redes, conexões. Nosso desejo é fornecer possibilidades da construção de uma experiências de identificação pelo tema em estudo, em que se dá quando a pesquisadora e os participantes se colocam individualmente, se dissolvendo, posteriormente, no coletivo, atentos e atentas às demandas dos sujeitos,

sendo cartógrafas as que educam com o espírito do nosso tempo. Sem impor uma moral e uma verdade únicas, professadas para os sujeitos. Antes, nossa mobilização é [...] nos ocupar com o tema da ética, estética e da existência, da verdade, do sujeito da ação, do sujeito da verdade. (FILHO, 2011, p. 13).

Os sujeitos anunciam-se, rivalizando a sujeição, insurgem, rasurando as tentativas de adestrar corpos e almas, enclausurar ideias e concepções, que pela força dos seus falantes, fazem brotar, anunciar a primavera, a despeito dos cerceamentos tanto da linguagem, quanto dos corpos, como se expressa da/de/do usuárie 15. Polemizar, criticar, tensionar, combater, desqualificar a linguagem neutra e o não uso dela, não impedirá que o falante com sua autonomia não adote e nos brindem com seus usos em distintos contextos, pois como nos ensinam Félix Guattari e Suely Rolnik (2013), quando nos apresentam a concepção das micropolíticas como estratégias da economia do desejo no campo social, “devires minoritários” cujo pensamento de Deleuze se apresenta como inseparável de uma política menor<sup>2</sup>. Trata-se de uma invenção de estratégias para a constituição de novos territórios, uma busca de saídas, desvios, arrombamentos, protestos, outros espaços de vida e de afeto, uma busca de saídas para territórios sem saída. Procuramos aliados, procuramos os inconscientes que protestam. (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p.19).

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, J.; PASSOS, E. Cartografar é habitar um território existencial. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 131-149.

---

<sup>2</sup>Como nos apontam os autores é preciso que não confundamos “minoritário”, que remete aos afectos, “enquanto devir ou processo”, com “minoría”, que indica um conjunto ou estado político-social estabelecido, mesmo que muitas vezes oprimido. Cf. v.4 para aprofundamento e o artigo “Dimensões políticas da teoria deleuziana dos signos”, de Roberto Duarte Nascimento. In: NASCIMENTO, Roberto Duarte de. *Dimensões políticas da teoria deleuziana dos signos*. In: GALLO, Sílvia; NOVAES, Marcus; GUARIENTI, Laisa B. de Oliveira (orgs). *Conexões: Deleuze e Política e Resistência e...* Campinas: SP, ALB; Brasília, DF: CAPES, 2013.



BARBOSA, Mariana. *Um corpo que experimenta e avalia: a ética em deleuze à luz da “grande identidade” spinoza-nietzsche*. KRITERION, Belo Horizonte, nº 141, Dez./2018, p. 867-890.

FILHO, Alípio de Sousa. Foucault: o cuidado de si e a liberdade ou a liberdade é uma agonística. In: ALBUQUERQUE JR; Durval M de; VEIGA-NETO, Alfredo, FILHO, Alípio de Sousa. (orgs). *Cartografias de Foucault*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

FREITAS, Fátima e Silva de. *A diversidade cultural como prática na educação*. Curitiba: IBPEX, 2011.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. Tradução: Graciano Barbachan. Publicação Original: 1970. Livro em PDF disponível em [www.sabotagem.revolt.org](http://www.sabotagem.revolt.org). Digitalização em 2004.

GUATARRI Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GADAMER, Hans-Georg. A virada ontológica da hermenêutica no fio condutor da linguagem. In: *Verdade e Método*. Tradução Flávio Paulo Meurer. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997, p. 558-709.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SILVA, Thaysa; SILVA, Edcleide. *Mas o que é mesmo Corpus? – Alguns Apontamentos sobre a Construção de Corpo de Pesquisa nos Estudos em Administração*. Rio de Janeiro / RJ - 7 a 11 de setembro de 2013.

SILVA, Marco. Educar na cibercultura: desafios à formação de professores para docência em cursos online. *Digital de tecnologias cognitivas*. Número 3. janeiro-junho, ISSN, 1984-3585. 2010.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. WEBER; GRISCI; PAULON. Cartografia: aproximação metodológica para produção do conhecimento em gestão de pessoas. *Cad. EBAPE.BR*, v. 10, nº 4, artigo 4, Rio de Janeiro, Dez. 2012.

PASSOS, E.; BENEVIDES DE BARROS, R. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17-31.

PASSOS, E.; EIRADO, A. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 109-130.

RODRIGUES, H. C. de B. Analisar. In: FONSECA, T.; NASCIMENTO, L.; MARASCHIN, C. (Org.). *Pesquisar na diferença*. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. *Profissão docente na educação básica no Piemonte da Diamantina: cartografias em construção*. Curitiba: CRV, 2021.